

NÃO HÁ SALVAÇÃO PARA A HUMANIDADE: UMA ANÁLISE INTERTEXTUAL ENTRE GÊNESIS 6-9 E O CONTO “NA ARCA”, DE MACHADO DE ASSIS

Lucas Alamino Iglesias Martins*

 <https://orcid.org/0000-0003-1942-8544>

Como citar este artigo: MARTINS, L. A. I. Não há salvação para a humanidade: uma análise intertextual entre Gênesis 6-9 e o conto “Na arca”, de Machado de Assis. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 1-8, set./dez. 2021. DOI 10.5935/1980-6914/eLETDO2114814

Submissão: setembro de 2021. **Aceite:** outubro de 2021.

Resumo: A narrativa bíblica do dilúvio adquiriu caráter arquetípico no que tange à temática da salvação. Ao longo da história, estudiosos do livro de Gênesis têm explorado a natureza redentora desse relato enfatizando a integridade de Noé (Gênesis 6:9) em face da corrupção que permeava a humanidade (Gênesis 6:1-7). Contudo, apesar de mencionarem a integridade do personagem principal, esse não parece ser o único enfoque do relato bíblico. Paradoxalmente, Gênesis 6-9 é uma narrativa modelo para se compreender a complexidade da maldade humana como um todo, ressaltando que nenhum ser humano merece a salvação. Seguindo pelo mesmo caminho interpretativo, o conto “Na arca”, de Machado de Assis, adiciona capítulos ao relato bíblico propondo que, apesar de estar na arca, a família de Noé tem coração mau, como toda a humanidade. Afinal, agindo como seres bestiais na arca, o local de salvação seria estremecido. Desse modo, o presente artigo tem como objetivo analisar intertextualmente a relação entre a narrativa de Gênesis 6-9 em sua forma sincrônica e o conto de Machado de Assis. Procurar-se-á investigar de que maneira o conto pode ampliar a compreensão dessa narrativa, muitas vezes, restrita a uma tradição interpretativa. A abordagem machadiana parece lançar luz à tensão já presente no texto bíblico

* Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: lucasigle@gmail.com

entre salvação e maldade. Afinal, em Gênesis 8:21, ao saírem da arca Noé e sua família, Deus faz a seguinte afirmação: “é mau o coração de todo homem”.

Palavras-chave: Salvação. Mal. Intertextualidade. Dilúvio. Arca.

INTRODUÇÃO

■ **A** Bíblia é o livro base de toda a literatura, a gênese de todas as histórias. Seu universo mitológico é a fonte narrativa arquetípica. De acordo com Frye (2004, p. 18): “A Bíblia certamente é um elemento de maior grandeza em nossa tradição imaginativa, seja lá o que pensemos acreditar a seu respeito”.

O mito bíblico é uma realidade viva e presente. Encontramos aqui narrativas primordiais consolidadas que operam como alicerce de culturas, sociedades e de formas de pensar. Como escreve Mircea Eliade (1972, p. 124), a rememoração e a reutilização do mito ajudam o homem a distinguir e a reter o real. Por essa repetição, cria-se uma sensação de ordem fixa e duradoura na dinâmica do Universo. Nesse contexto, o tempo sagrado nivela-se ao presente profano e torna o homem contemporâneo dos atos sobrenaturais dos grandes heróis do passado. De acordo com Frye (2004, p. 17-18):

O homem, ao contrário dos animais, não está nu nem imerso na natureza. Ele está dentro de um universo mitológico, um corpo de pressupostos e crenças desenvolvidos a partir de suas inquietações existenciais. De tudo isso, a maior parte é inconsciente. Isso significa que a nossa imaginação pode reconhecer partes desse corpo, quando apresentados na arte ou na literatura, sem que compreendamos o que na verdade reconhecemos. Na prática, o que podemos reconhecer deste corpo de inquietações vem de um condicionamento social e de um legado cultural. [...] Entre as funções práticas da crítica, que defino como organizar conscientemente uma tradição cultural, está a de fazer-nos mais conscientes, penso, de nosso condicionamento mitológico.

Ao extrair dos mitos esses exemplos, ou modelos exemplares do passado, o ser humano consegue ampliar sua coragem de enfrentar as adversidades da vida, construir e reconstruir sua cultura, orientar suas atividades cotidianas e superar o medo.

Existe um número infinito de mitos individuais, mas apenas um número finito – na verdade bem pequeno – de espécies de mitos. Estes últimos expressam a perplexidade humana em relação ao motivo de estarmos aqui e para onde estamos indo e incluem os mitos da criação, da queda, do êxodo e da migração, da destruição da raça humana no passado (mitos de dilúvio) ou futuro (mitos apocalípticos), de redenção em alguma fase da vida ou após ela. Tais mitos delineiam a visão da humanidade em relação a sua natureza e destino, o seu lugar no universo, seu sentido tanto de inclusão quanto de exclusão de uma ordem infinitamente maior.

Dentre as narrativas bíblicas arquetípicas, uma das mais conhecidas é a do dilúvio. Nela, tudo acontece a partir de um desapontamento divino em relação à situação da humanidade. De acordo com Gênesis 6:5, Deus vê que a maldade das pessoas havia se multiplicado “pela face da terra” e todo desígnio do coração

delas era continuamente mau. Assim, ele se entristece por haver feito os seres humanos e decide fazer com que eles desapareçam da Terra (Gênesis 6:7).

Nesse contexto de desgosto, interpreta-se que a narrativa oferece uma “luz no fim do túnel” ao introduzir um personagem. Noé emerge no relato de maneira positiva. Diz o texto que, apesar da situação da humanidade, Noé encontrou favor aos olhos de Deus. Essa fagulha de esperança na humanidade é aparentemente reforçada pelo que é afirmado em Gênesis 6:9 na sequência: “Noé era um homem justo e íntegro entre seus contemporâneos; Noé andava com Deus”¹. Essa afirmação final encontra seu paralelo em Gênesis 5:22 em referência a Enoque, quando é dito que “Enoque andava com Deus”. De acordo com Sarna (1989, p. 43), essa expressão reflete uma vida vivida em total acordo com a vontade de Deus.

A ênfase na integridade de Noé em contraste com a de seus contemporâneos tem sido destacada ao longo da história interpretativa dessa narrativa. James Kugel (2007, p. 72-73), por exemplo, observa que tanto Clemente de Alexandria quanto o Tratado Sanhedrin, do Talmude babilônico, retratam Noé como um pregador profético do arrependimento.

Contudo, apesar da ênfase que o próprio texto parece dar à integridade de Noé, esse não parece ser o retrato completo quando analisado minuciosamente. Além disso, o destaque exacerbado à distinção desse personagem parece ter servido de alimento para interpretações teológicas baseadas na meritocracia. Como Kugel (2007, p. 73) afirma, ao longo de séculos, a história do dilúvio tem sido interpretada como: “Aqueles que não ouvem as palavras de Deus serão varridos da terra, enquanto os que lhe obedecem serão salvos, não importa a dificuldade das circunstâncias”.

É aqui que a contribuição de Machado de Assis à narrativa do dilúvio encontra seu espaço. Como intérprete da Bíblia, a literatura machadiana não está atada às tradições religiosas. Mesmo havendo a possibilidade de uma influência indireta da tradição, Machado de Assis não escreve a partir de uma plataforma religiosa. Isso proporciona ao autor mais liberdade e criatividade na interpretação dos textos considerados seus pela religião, permitindo-lhe entrar no texto em sua complexa formação e riqueza de conteúdo, sem estar cativo para considerar de que forma determinada religião interpreta o texto em questão.

O objetivo da presente pesquisa é investigar de que maneira o conto “Na arca”, de Machado de Assis, pode ampliar a compreensão dessa narrativa, muitas vezes, restrita a uma tradição interpretativa religiosa. A abordagem machadiana parece lançar luz à tensão já presente no texto bíblico entre salvação e maldade.

“NA ARCA”

No conjunto da obra ficcional de Machado de Assis, as referências aos aspectos religiosos são constantes, seja envolvendo questões institucionais da igreja, passagens bíblicas, recordações sobre ritos e rituais ou mesmo diálogos imaginários entre Deus e o diabo (DE OLIVO, 2008, p. 213). Um exemplo desse fenômeno pode ser visto no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*. No primeiro capítulo, ao tratar do óbito do autor, Brás recorda que tanto nas *Memórias* quanto no Pentateuco, os autores contam sua morte. A diferença entre elas é que Moisés

1 Todas as referências ao texto bíblico em português foram extraídas da tradução Nova Almeida Atualizada (2018).

a colocou não no introito, mas ao final. Brás se compara a Moisés e seu relato ao Deuteronômio. Mais do que soberba, é possível considerar que o paralelo com as Escrituras tem como intenção a banalização do livro sagrado e revela uma satisfação maligna de rebaixar e vexar, de anunciar que os deslantes do narrador não vão se deter diante de nada, que não ficará pedra sobre pedra. Outro paralelo que vemos é que Brás morre de uma ideia fixa: inventar um remédio que aliviasse a melancólica humanidade. Para conseguir a patente, usa em falso o nome do filho de Deus. O resultado pretendido era verdadeiramente cristão. Na intimidade confessa: pretendia mesmo era o lucro e a fama. Quando delira, Brás assume a forma de um livro, que imobiliza completamente seu corpo. O livro é a *Suma teológica*, de São Tomás de Aquino.

Contudo, em relação à linguagem bíblica e a referências a relatos específicos, o conto “Na arca” é o que dialoga de maneira mais direta e explícita. Nele, encontramos uma paródia bíblica sobre a ganância do ser humano. Em termos de linguagem, esse conto está artisticamente organizado nos mesmos moldes do texto bíblico: em capítulos e versos. Afinal, de acordo com o subtítulo do conto, esses são três capítulos inéditos da Bíblia. O ponto de partida da história é: as águas do dilúvio estão baixando e Noé e seus familiares estão se preparando para sair da arca.

É perceptível como a linguagem assemelha-se muito à do texto bíblico. Toda história se inicia com uma lembrança de Noé:

A.1.4 – Agora, pois, se cumpriu a promessa do Senhor: e todos os homens pereceram, e fecharam-se as cataratas do céu; tornaremos a descer à terra, e a viver no seio da paz e da concórdia (ASSIS, 2007, p. 32).

O conto faz uma referência a Gênesis 6:18, em que é dito que, apesar da destruição total, Deus faria uma aliança com Noé, conservando vivos ele e sua família. O que ocorre é que, ainda dentro da arca, sem que as águas tivessem baixado, os filhos começam a discutir as futuras separações da terra, rios etc. Em um trecho seguinte, lemos:

A.1.6-8 – Então Jafé levantou a voz e disse: – “Aprazível vida vai ser a nossa. A figueira nos dará o fruto, a ovelha a lã, a vaca o leite, o sol a claridade e a noite a tenda. Porquanto seremos únicos na terra, e toda a terra será nossa, e ninguém perturbará a paz de uma família, poupada do castigo que feriu a todos os homens. Para todo o sempre”. Então Sem, ouvindo falar o irmão, disse: Tenho uma ideia. Ao que Jafé e Cam responderam: Vejamos a tua ideia, Sem. E Sem falou a voz de seu coração, dizendo: “Meu pai tem a sua família; cada um de nós tem a sua família; a terra é de sobra; podíamos viver em tendas separadas. Cada um de nós fará o que lhe parecer melhor: e plantará, caçará, ou lavrará a madeira, ou fiará o linho” (ASSIS, 2007, p. 32-33).

Nitidamente, o conto resgata toda a linguagem bíblica carregada de imagens bucólicas e pastoris para descrever o potencial futuro da terra que ainda nem existia: “a figueira nos dará o fruto, a ovelha a lã, a vaca o leite, o sol a claridade e a noite a tenda”. Além disso, vemos uma possível referência do autor às parábolas das figueiras retratadas em Mateus 24:32-33 e Lucas 21:29-31, parábolas ditas por Jesus em relação ao fim dos tempos. Na boca daqueles que estão experimentando o juízo divino de total destruição é colocada a referência sutil às parábolas de juízo final.

Outro aspecto que vale destacar envolve a fala de Sem. Em nenhum momento, a narrativa bíblica nos dá informações em relação à integridade do restante da família de Noé. Somente nos é dito que Noé era íntegro. Em relação à família, lemos em Gênesis 6:18 a promessa de que a família de Noé também seria salva, em 7:7 é dito que Noé entra na arca com a família devido à chuva e em 7:13 a informação é repetida com o simples acréscimo do nome dos filhos. A omissão do porquê parece sublinhar o fato de que, por serem da família de Noé, esposa, filhos e noras são salvos. Assim, a fala de Sem no conto machadiano é completamente irônica. Buscando ter terras, o filho desmembra a família, o núcleo de sua salvação, ainda no contexto de destruição.

Mais à frente, lemos que repentinamente a discussão de distribuição de terras se acirra:

A.1.17-19 – Jafé porém replicou: – “Vai bugiar! Com que direito me tiras a margem, que é minha, e me roubas um pedaço de terra? Porventura és melhor do que eu, ou mais belo, ou mais querido de meu pai? Que direito tens de violar assim tão escandalosamente a propriedade alheia? Pois agora te digo que o rio ficará do meu lado, com ambas as margens, e que se te atreveres a entrar na minha terra, matar-te-ei como Caim matou a seu irmão” (ASSIS, 2007, p. 33-34).

A ênfase nos pronomes possessivos só amplifica a tensão. A revolta cresce, culminando na atribuição de características animais a Sem e Jafé, que partem para o embate corporal: “espumar pela boca”; “imitar o silvo da serpente”; “gatuno”; “suando e bufando como touros”. Tais atribuições adquirem caráter irônico por meio dos contrastes expressados na sequência:

B.10 – Enquanto o lobo e o cordeiro, que durante os dias do dilúvio, tinham vivido na mais doce concórdia, ouvindo o rumor das vozes, vieram espreitar a briga dos dois irmãos, e começaram a vigiar-se um ao outro (ASSIS, 2007, p. 34).

Por fim, o ápice do conto surge na seguinte afirmação de Noé diretamente relacionada à questão da salvação:

C.7-10 – Erguei-vos, homens indignos da salvação e merecedores do castigo que feriu os outros homens. Jafé e Sem ergueram-se. Ambos tinham feridos o rosto, o pescoço e as mãos, e as roupas salpicadas de sangue, porque tinham lutado com unhas e dentes, instigados de ódio mortal. O chão também estava alagado de sangue, e as sandálias de um e outro, e os cabelos de um e outro, como se o pecado os quisesse marcar com o selo da iniquidade (ASSIS, 2007, p. 36).

De Noé, ouvimos que seus filhos são indignos da salvação e dignos de destruição e juízo, mas, além disso, a descrição do estado físico dos dois ecoa (Gênesis 4) no sentido de que uma marca os identifica. As marcas são diferentes nos dois textos, mas a ideia de um selo os une.

Associada a esse diálogo, aparece a fala de Cam, personagem que se afasta do embate corporal mais duro no conto, embora tenha sido participante ativo da discussão: “Meu pai, meu pai, se de Caim se tomará a vingança sete vezes, e de Lamech setenta vezes sete, o que será de Sem e Jafé?” (ASSIS, 2007, p. 35). Aqui, existem duas referências explícitas a Caim e a Lamech, personagens centrais no relato de Gênesis – ambos, exemplos danosos de postura diante de Deus. Por outro lado, a postura de Cam parece mais sensata que a dos seus irmãos no relato machadiano, fato que reforça a atmosfera irônica quando comparado ao

relato bíblico. Logo após saírem da arca, de acordo com a narrativa bíblica, é dito em tom negativo que Cam vê a nudez do pai e vai contar aos seus irmãos, enquanto os irmãos cobrem a nudez do pai.

No conto machadiano, Noé responde à indagação de Cam dizendo: “Maldito seja o que não me obedecer, Ele será maldito, não sete vezes, mas setecentas vezes setenta” (ASSIS, 2007, p. 37). O autor emprega a mesma linguagem bíblica utilizada na pergunta de Cam e no relato de Gênesis 4:24, mas de maneira amplificada e exagerada. Não é mais 70 vezes sete, mas sim 700 vezes 70.

É nítido que a linguagem empregada por Machado de Assis é perfeitamente inserida nos moldes e temas bíblicos. Contudo, mais surpreendente ainda é que o conto machadiano interpreta uma outra faceta do relato bíblico pouquíssimo explorada entre a maioria dos comentaristas e teólogos. Marcada pelo refrão recorrente, “A arca, porém, boiava sobre as águas do abismo” (ASSIS, 2007, p. 35-36), o conto sublinha a maldade e a ganância da família de Noé.

A NARRATIVA DO DILÚVIO

Toda história criada por Machado de Assis harmoniza-se perfeitamente com uma faceta do retrato de Noé apresentada pelo texto bíblico. Embora a Bíblia afirme que Noé era um homem íntegro, não há a menção de qualquer ato de justiça que ele tenha realizado antes do dilúvio. Em relação ao que é relatado após o dilúvio, o panorama fica ainda mais complexo. Após saírem da arca, Gênesis 9 apresenta um episódio em que Noé se embriaga e posteriormente aparece nu na sua tenda (KUGEL, 2007, p. 72).

Se voltarmos a Gênesis 6:9, quando a narrativa aponta que Noé andava com Deus, vemos uma referência explícita a Enoque 5:22. Contudo, há uma inversão crucial aqui (SARNA, 1989, p. 50). A sintaxe básica hebraica segue uma sequência padrão de verbo, sujeito e objeto (*vaythalekh + hanokh + et ha'elohim*). Essa é a sequência encontrada em Gênesis 5:22, literalmente: “Andava Enoque com Deus”. Em Gênesis 6:9, por outro lado, encontramos a seguinte sequência: objeto, verbo e sujeito (*et ha'elohim + hithalekh + noah*). Literalmente: “com Deus andava Noé”. Mais do que uma simples mudança de ordem, fato que na língua portuguesa não altera a compreensão da sentença, a alteração na língua hebraica enfatiza o objeto, e não o sujeito. Assim, embora Noé seja de fato, no relato bíblico, uma “luz no fim do túnel” em um contexto de maldade total da humanidade, a ênfase não repousa em sua integridade ou na sua capacidade de andar com Deus.

Mais do que enfatizar uma faculdade especial do personagem Noé, a inversão realça que é somente por ser Deus o outro com quem Noé se relaciona que a salvação é possível. Essa ideia pode ser reforçada pela própria menção de Gênesis 6:8 de que Noé achou favor aos olhos de Deus. A palavra hebraica para “favor” (*hen*) é a mesma para “graça”. O texto, assim, indica que Noé não é salvo por ser justo ou por ter habilidades especiais. Ele é poupado pela graça divina, mesmo sendo íntegro.

Gênesis 8:20-22 fortalece essa linha interpretativa ao relatar que após saírem da arca, Noé levanta um altar a Deus e oferece holocaustos. Como resposta, é dito que o Senhor aspirou o aroma agradável e disse “em seu coração”: “Nunca mais vou amaldiçoar a terra por causa das pessoas, porque é mau o desígnio

íntimo do ser humano desde a sua mocidade” (v. 21). A resposta favorável do v. 21 ecoa Gênesis 6:5-6, onde é dito que Deus destruiria da Terra todo ser vivente por causa da maldade da humanidade. Tanto Gênesis 8:21 quanto 6:5 compartilham das palavras “inclinação”, “seu coração” e “maldade” (MATHEWS, 1996, p. 392). Dessa forma, a narrativa é espelhada com dois relatos em que Deus medita sobre a natureza humana. A natureza humana é a mesma antes e depois do dilúvio. Não há esperança na humanidade. O ser humano é o mesmo, e sempre será. O terror com as águas não muda o ser humano, o desígnio do seu coração é mau. Não se procura afirmar que Deus considerou o dilúvio uma falha e reconheceu a condição humana como irrevogável. De acordo com 6:5, a maldade do homem foi a base propulsora para o julgamento de Deus. A frase “porque é mau o desígnio íntimo” deve ser lida como concessão: “mesmo que”. Deus promete exercer sua graça, mesma ideia inicial em Gênesis 6, apesar da humanidade.

Desse modo, o dilúvio não muda a humanidade, muda a Deus. O relato do dilúvio traça uma nova decisão da parte de Deus. Independentemente do que aconteça, ele é descrito como estando comprometido. Assim, a narrativa de Gênesis aponta que não há esperança para a humanidade a partir da própria humanidade, a esperança não nasce de um movimento humano. Da perspectiva bíblica, ela é fruto de um movimento divino.

CONCLUSÃO

O texto fundante da religião não legitima a religião. Ele apresenta os testemunhos da experiência com o sagrado. Enquanto o discurso da tradição religiosa tende a estabelecer parâmetros de uniformização, a experiência do sagrado está no dilema da vida e manifesta-se na pluralidade dos testemunhos e da produção poética.

Nesse sentido, Machado de Assis, em seu conto, expande a compreensão do texto bíblico não somente por meio da linguagem similar, mas também da leitura singular da história. Sua interpretação oferece uma outra faceta da narrativa do dilúvio, uma faceta complementar à tradicional dos ambientes religiosos.

A Bíblia como literatura está inscrita dentro da enorme produtividade de interpretações e traduções. Na dimensão sociocultural, ela está presente em diversos setores da sociedade, incluindo Igrejas, mas ultrapassa também seus limites. Os personagens e as narrativas da Bíblia passaram a ser personagens e narrativas das culturas, influenciando estilos literários, contribuindo para a construção de novos personagens e de novas narrativas. Alguns textos bíblicos despertaram no imaginário ocidental uma série de temas com os quais as pessoas aprenderam a conviver e a partir dos quais construíram seus valores e cultivaram suas inquietações. Sabe-se muito bem que esse livro, tal como o temos hoje, nem sempre foi de fácil acesso ao povo. Durante séculos, permaneceu cativo de leituras selecionadas e interpretações feitas pelos líderes e teólogos das igrejas. Por muito tempo, a Bíblia não foi um livro do povo e da cultura, na forma como ela é hoje. Assim, por mais que as obras missionárias tenham disseminado o texto bíblico, foi graças ao fato de ela não ter sido enclausurada nas repetições dogmáticas das Igrejas que a Bíblia sobreviveu de forma criativa, nos dizeres e nas escritas populares (MAGALHÃES, 2009, p. 13-15), tendo, assim, um poder de alcance muito mais abrangente e livre.

THERE IS NO SALVATION FOR HUMANITY: AN INTERTEXTUAL ANALYSIS BETWEEN GENESIS 6-9 AND THE SHORT STORY “NA ARCA”, BY MACHADO DE ASSIS

Abstract: The biblical narrative of the flood acquired an archetypal character regarding the theme of salvation. Throughout history, scholars of the book of Genesis have explored the redemptive nature of this account by highlighting Noah’s integrity (Genesis 6:9) in face of the corruption that permeated mankind (Genesis 6:1-7). However, despite mentioning the integrity of the main character, this does not seem to be the unique focus of the biblical account. Paradoxically, Genesis 6-9 is a model narrative to understand the complexity of human evil emphasizing that no human being deserves salvation. Following the same interpretative path, the short story “Na arca”, by Machado de Assis, adds chapters to the biblical account, proposing that, despite being in the ark, Noah’s family has an evil heart, like all mankind. After all, acting like beasts in the ark, the place of salvation would be shaken. Thus, this article aims to intertextually analyze the relationship between the narrative of Genesis 6-9 in its synchronic form and Machado de Assis’ short story. We seek to investigate how the short story can broaden the understanding of this narrative, often restricted to an interpretive tradition. Machado’s approach seems to shed light on the tension already present in the biblical text between salvation and evil. After all, in Genesis 8:21, as Noah and his family left the ark, God makes the following statement: “every man’s heart is evil”.

Keywords: Salvation. Evil. Intertextuality. Flood. Ark.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. *50 contos de Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução João Ferreira de Almeida. 3. ed. rev. atual. (Nova Almeida Atualizada). Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.
- DE OLIVO, L. C. C. Ausência de Deus e sentimento de culpa em *Memórias Póstumas*. In: FERRAZ, S. (org.). *No princípio era Deus e Ele se fez poesia*. Rio Branco: Edufac, 2008. p. 212-220.
- ELIADE, M. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FRYE, N. *Código dos códigos: a bíblia e a literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- KUGEL, J. *How to read the Bible*. New York: FreePress, 2007.
- MAGALHÃES, A. C. M. *Deus no espelho das palavras*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- MATHEWS, K. A. *Genesis 1-11:26*. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1996. v. 1A.
- SARNA, N. *The JPS Torah Commentary: Genesis*. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1989.